

CRISTINE FRIESEN

**LINGUAGEM UTILIZADA NA INTERNET E SUA
INFLUÊNCIA NO DOMÍNIO DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE MOEMA
JABOTICABAL – SP
2008

CRISTINE FRIESEN

**LINGUAGEM UTILIZADA NA INTERNET E SUA
INFLUÊNCIA NO DOMÍNIO DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Educação São Luís Núcleo de Apoio
de Moema, como exigência parcial
para a conclusão do Curso de Pós-
Graduação Lato Sensu em Língua
Portuguesa, Compreensão e
Produção de Textos.

Orientadora: Professora Janaína

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE MOEMA
JABOTICABAL – SP
2008**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 CATEGORIAS DA LÍNGUA	8
1.1 Oralidade e Escrita.....	9
1.2 A Linguagem Escrita	11
1.3 A Linguagem Falada.....	12
2 A NOVA LINGUAGEM UTILIZADA NA INTERNET.....	17
2.1 Como se escreve na internet e os gêneros textuais existentes	19
2.2 Emoticons	27
2.3 Educação X Linguagem utilizada na internet.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Miguxês/Internetês	24
Quadro 2 - Emoticons	27

RESUMO

A comunicação entre os humanos é o que permite a pessoa tornar-se cidadã. É por meio das diversas formas de linguagem que o homem consegue organizar-se em sociedade, estabelecendo as leis de convivência, firmando e transmitindo valores e conhecimentos. Vivemos em uma época em que as tecnologias estão invadindo crescentemente o mundo. Todos os dias se desenvolvem novas formas de integrar a tecnologia ao cotidiano, modificando a forma de fazer, ver e pensar. Vista desta forma, a tecnologia também pode determinar novas linguagens. Nesse sentido, a Internet, maior rede de comunicação e informação desenvolvida pelo homem, também criou sua variante da língua e, portanto, a linguagem na Internet e sua influência na produção de textos escritos é o que está analisado neste trabalho.

INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas temos presenciado o que várias pessoas chamam de "a última revolução do milênio". No centro deste movimento encontra-se o que se convencionou chamar de Internet, uma rede mundial de comunicação capaz de interligar computadores do mundo inteiro.

Não se pode falar em uma data na qual surgiu a Internet como conhecemos, já que ela foi resultado de um desenvolvimento contínuo das redes de computadores. Porém, pode-se dizer que tudo começou em 1957 com o lançamento do Sputnik pelos soviéticos, e a criação da ARPA (Advanced Research Projects Agency) pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos em resposta, a fim de estabelecer a liderança dos Estados Unidos em tecnologia militar.

Só na América Latina já são mais de dez milhões de usuários, e no mundo inteiro esse número já passa dos trezentos milhões. Com um mecanismo tão poderoso de comunicação, seria impossível pensar que as línguas naturais não sofreriam algum tipo de influência e transformação. A linguagem utilizada pelo internauta é determinada pelas características e restrições do meio no qual ela se encontra, ou seja, trata-se de uma mistura de características da linguagem escrita, pois assim ela se apresenta, com características da linguagem oral, pois a natureza de sua comunicação é de interação direta e simultânea, típica deste tipo de linguagem.

Neste trabalho pretendeu-se verificar os aspectos dessa linguagem da Internet relacionados com a desenvoltura da produção textual escrita, visando discutir uso de abreviações na linguagem virtual, apresentando contrastes entre esse tipo de linguagem, a linguagem escrita tradicional e a linguagem oral.

Os métodos e as técnicas para coleta de informações utilizadas para alcançar essas finalidades basearam-se em teorias lingüísticas e na leitura de artigos, virtuais ou não, de especialistas no assunto.

O trabalho encontra-se dividido da seguinte forma. Na primeira parte apresentamos as modalidades da língua. Na segunda parte, analisamos a linguagem utilizada na Internet e as a algumas de suas características, bem como sua influência na desenvoltura da produção textual escrita.

1 CATEGORIAS DA LÍNGUA

As escolas, principalmente as do Brasil, destinam grande parte dos seus ensinamentos para a linguagem escrita. Cagliari (1992, p. 25) afirma que “há mais preocupação com a aparência da escrita do que com o que ela realmente faz e representa”.

Ao observar essa forma de encarar a língua, facilmente se vislumbra descompasso com a realidade, haja vista que existem outras formas da língua que não podem ser desprestigiadas. A língua escrita precisa ser desenvolvida, mas, sabendo-se que é apenas uma das modalidades a ser aprendida. Jamais poderemos correr o erro de tornar sem desprestígio ou mesmo desconsiderar as demais modalidades orais que estão em uso nos diversos ramos da sociedade, em todos os seus níveis.

Seguindo essa linha de estudo, concluímos que é fundamental considerar a questão da adequação, ou seja, cada situação exige de quem nela está envolvido comportamento, vestimenta e linguagem adequados.

É nesse ponto que se faz presente o tão conhecido preconceito lingüístico, onde tudo que não seguir rigorosamente a forma como foi registrado nas gramáticas tradicionais não pode ser acatado como correto. Acaba-se por rotular preconceituosamente, levando em conta apenas a rigidez do ensino de nossa língua.

Desse modo nos deparamos com as avaliações de "certo" e "errado" no uso da língua. É expresso formalmente que, objetivo do ensino da gramática normativa é excluir de nossa língua formas consideradas "empobrecedoras", "marginais",

"desprezíveis" de uma língua bem falada, não apropriada ao uso das pessoas dignas na sociedade.

Entendemos que essa seja uma prática que deva ser abolida totalmente das escolas, uma vez que se trata de uma postura preconceituosa, pois em nome da "boa língua" pratica-se a injustiça social humilhando o ser humano por meio da não-aceitação do seu mais importante meio de expressão cultural, isto é, o sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor.

Ainda sob este aspecto, vejamos o que diz o autor Marcos Bagno:

A Sociolingüística nos ensina que onde tem variação (lingüística) sempre tem avaliação (social). Nossa sociedade é profundamente hierarquizada e, conseqüentemente, todos os valores culturais e simbólicos que nela circulam também estão dispostos em categorias hierárquicas que vão do "bom" ao "ruim", do "certo" ao "errado", do "feio" ao "bonito" etc. E entre esses valores culturais e simbólicos está a língua, certamente o mais importante deles. Por mais que os lingüistas rejeitem a norma-padrão tradicional, por não corresponder às realidades de uso da língua, eles não podem desprezar o fato de que, como bem simbólico, existe uma demanda social por essa "língua certa", identificada como um instrumento que permite acesso ao círculo dos poderosos, dos que gozam de prestígio na sociedade. Uma das tarefas do ensino de língua na escola seria, portanto, discutir criticamente os valores sociais atribuídos a cada variante lingüística, chamando a atenção para a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção lingüística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa. (BAGNO, 2006)

A proposta de Marcos Bagno é repensar a língua que se fala por aqui sem considerar que ela é cheia de erros. Deixando esse preconceito de lado, a missão é passar a reconhecer que o português falado no Brasil constitui, de fato, a nossa língua materna e o nosso meio de expressão.

1.1 Oralidade e Escrita

Antes de iniciar propriamente no tema convém reforçar que ambas modalidades de linguagem precisam ser respeitadas e estudadas com o mesmo grau de interesse, pois ambas estão ligadas historicamente.

Neste sentido encontramos a escritora Maria Marta Furlaneto, que muito bem esclarece em seu texto disponibilizado na Internet, vejamos:

As diferenças e as aproximações entre o oral e o escrito constituem uma questão ligada ao caráter histórico da linguagem humana. Esta questão é primordial no âmbito da Lingüística Aplicada ao ensino, considerando que ela se coloca em todo o percurso da aprendizagem, seja em língua materna, seja em língua estrangeira. Sua focalização, por outro lado, deve passar pelos modos de regulação / controle da linguagem em todos os espaços sociais, ou seja: a(s) norma(s), a gramática legitimada no contexto, a avaliação. (FURLANETO, 2008).

Já sabemos que ambas as modalidades da língua são importantes, então passaremos agora a estudar o que as diferenciam, não significando que a fala e a escrita devam ser vistas de modo dicotômico, estanque, independente.

A linguagem oral é aquela própria da conversação, é aquele instrumento utilizado no dia-a-dia. Enquanto que a forma escrita é a registrada nos textos,

Apontaremos algumas diferenças entre a linguagem oral, típica da conversação e a modalidade escrita, para tanto lançaremos mão dos ensinamentos de Luis Curto:

- A linguagem oral
- Comunicação imediata e simultânea
- Contexto compartilhado
- Muita informação implícita
- Muita informação não-verbal: gesto, entoação, expressividade, etc.
- Subentendidos e improvisação
- Em cada versão a mensagem muda ou modifica-se
- A linguagem escrita
- Comunicação mediata e distante no espaço e/ou no tempo
- Necessidade de explicitar toda a informação necessária
- O escrito permanece fixo e perdura no tempo
- Maior grau de elaboração. (CURTO, 2000, p.01)

E continua:

[...] para falar, usamos a conversação, a expressão oral, o debate, etc. Para escrever, usamos diferentes tipos de texto conforme a situação e a intenção que nos leva a escrever.

Falar serve para comunicar. Escrever também, mas além disso serve para lembrar, registrar, conhecer as ideias e acontecimentos distantes, estudar, atingir mais pessoas, etc. No entanto, há, também, muitas situações intermediárias: Podemos utilizar linguagem escrita ao falar, ao cantar, ao recitar poemas, dramatizar obras teatrais ou expor um tema previamente escrito. E, por outro lado, ao escrever, podemos transcrever o oral: nos diálogos, no registro dito por alguém, etc.

A linguagem escrita, além do mais, ocorre em materiais específicos: livros, revistas, jornais, cartazes, etc. Esses materiais devem ser conhecidos, usados e valorizados: o melhor é trazê-los e usá-los, adequadamente, na aula.

Por último, há muitas variantes da língua oral e escrita. A diversidade linguística reflete a diversidade cultural que é uma riqueza e um patrimônio a ser conservado e desenvolvido. (CURTO, 03, 2000)

Seguindo essa concepção, Ingedore Koch explica que entre as características distintivas mais freqüentemente apontadas entre as modalidades falada e escrita, estão as seguintes:

[...] a fala é não-planejada, fragmentária, incompleta, pouco elaborada, tem predominância de frases curtas, simples ou coordenadas e apresenta pouco uso de passivas; a escrita é planejada, completa, elaborada, tem predominância de frases complexas, com subordinação abundante e mostra emprego freqüente de passivas. No entanto, previne a autora, estas diferenças nem sempre distinguem as duas modalidades, até porque existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, de acordo com determinadas situações comunicativas. (KOCH, 1992, p.104)

Desse modo, define Koch (1992, p. 74), “a escrita formal e a fala informal constituem os pólos opostos de um contínuo, ao longo do qual se situam diversos tipos de interação verbal”.

1.2 A Linguagem Escrita

A construção da linguagem escrita de acordo com a escritora Nerli Mori “constitui-se em um sistema de sinais empregados pelos homens há muitos anos com o objetivo de exprimir e transmitir idéias e pensamentos a respeito de determinadas situações” (MORI, 01, 2008).

Antes mesmo de a fala e escrita serem socialmente elaboradas e aceitas como as conhecemos atualmente, a comunicação entre os homens era realizada por meio de uma escrita icônica, por pictogramas ou ideogramas. Diante disso mesmo que pareça estranho podemos dizer que a escrita organizada, surgiu antes da fala organizada.

Nossa cultura está absolutamente apressada, não têm pausa para análise de coisas corriqueiras, por exemplo, para nós é tão comum escrever e falar que não paramos para pensar nas diferenças existentes entre a comunicação oral e a escrita, bem como as distinções que ocorrem dentro de cada uma dessas modalidades, bem como entre uma e outra.

Para Cagliari:

[...] alfabetizar grupos sociais que encaram a escrita como uma simples garantia de sobrevivência é diferente de alfabetizar grupos sociais que consideram a escrita, além de necessária, uma forma de expressão individual de arte, de cultura e de passatempo. (CAGLIARI, 1992, p. 62)

Ao deparamos com essa afirmação de Cagliari, nos obrigamos a refletir mais pausadamente sobre o tema, concluindo que por trás da escrita, existe um fator motivacional que é a mola propulsora na comunicação. Dependendo do valor que o grupo deposita na escrita ela será mais ou menos dispensável.

1.3 Linguagem Falada

A linguagem falada é muito rica em vocábulos, empregamos cada palavra dependendo da situação em que nos encontramos.

A título de ilustração apontamos que um operário de chão de fábrica não usa da fala exatamente como faria o Presidente da mesma empresa onde trabalha, pois

este último, geralmente, fala como o intelectual, mas, o que realmente importa é que todos se entendem.

Esta variante de vocabulário, também se faz presente entre o linguajar do homem culto que vai adaptando sua fala de acordo com situações, por exemplo, ao deparar com um amigo de infância, provavelmente se liberta do formalismo e lança mão de uma linguagem menos formal, repleta de termos populares, ligados á época em que tinham mais contato, marcada por sentimentos e expressividade. Esta mesma pessoa ao participar de eventos marcados por cerimonial, adotará vocabulário mais lapidado, será cuidadoso em suas construções frasais, será uma expressão refletida.

Apontamos abaixo um texto da escritora Elsa dos Santos, que em singelos exemplos esclarece como a linguagem é adaptável às situações:

1 Meu rico, não fosses trouxa! Muitas vezes te disse que tivesses cuidado com aquele tipo. Não fizeste caso e agora ele ferrou-te o cão. Toda a gente dizia que ele era um caloteiro de marca!

2 Meu caro senhor, foi demasiado confiado. Avisei-o muitas vezes de que deveria desconfiar desse homem. Não me quis crer e agora vê o seu dinheiro perdido. Era voz corrente que ele nunca pagava as dívidas.

3 Fulano exprobou ao amigo a sua imperdoável confiança. Dissera-lhe muitas vezes que se arrecesse daquele indivíduo. Mas o amigo não lhe dera ouvidos e agora sofria os resultados da sua imprudência.

No primeiro exemplo, a linguagem é viva, afectiva como a conversação. Empregam-se termos de gíria popular, (meu rico, trouxa, ferrar o cão, caloteiro de marca). No segundo exemplo, a linguagem torna-se fria, mas correcta, evitando qualquer termo da linguagem familiar.

No terceiro exemplo, empregam-se termos da linguagem literária que não são, portanto, do uso corrente (exprobar, arreçar-se, proclamar, insolvência).

Por conseguinte, a língua escrita é, por sua natureza, distinta da língua falada, mais cuidada, pensada, com certo estilo, recorrendo-se a imagens e outros recursos estilísticos que tornem o texto mais belo e expressivo. A língua falada é espontânea e, por isso mais verdadeira, porque reflete a cultura, a expressividade, o dom da palavra e também as suas dificuldades de expressão.

Quanto à língua escrita, quem não tem dotes de escritor, o melhor é limitar-se a escrever corretamente, porque ao se rebuscar muito o vocabulário é passível cair no ridículo e cometer alguns despropósitos, como não deixa de ser o caso do terceiro exemplo, com termos como «exprobar, arrepear-se, insolvência», que tornou a escrita muito pretenciosa.

Sobre esse assunto Cagliari afirma que:

A escola usa e abusa da força da linguagem para ensinar e para deixar bem claro o lugar de cada um na instituição e até na sociedade. A maneira como se fala, como se deixa falar, sobretudo como se pergunta e como são aceitas as respostas, muitas vezes, é usada não para avaliar o desenvolvimento intelectual de um aluno, mas como um subterfúgio para lhe dizer que é incapaz ou excelente. (CAGLIARI, 1992, p. 71)

Portanto a escola, como representante da sociedade, costuma incorporar tais preconceitos, mesmo sem ter consciência disso. É importante entendermos os casos de variação lingüística e como ela ocorre em nossa sociedade.

Concluimos dessa exposição que o tempo é o principal fator de promoção da evolução da língua, aos poucos vão incorporando peculiaridades da época, em razão de seu uso por grupos específicos.

Não podemos, contudo, categorizar as formas de linguagem e pontuá-las como mais ou menos importante, por exemplo, o modo como uma pessoa que vive

no sertão da Bahia fala é muito diferente como a forma falada na capital de São Paulo.

Diante disso é possível afirmar que português falado no Brasil não é uma língua unificada, homogênea, portanto não se pode considerar, como faz a gramática, apenas uma unidade da língua como sendo a verdadeira, o dialeto padrão ou norma culta, e desconsiderar as demais como errada.

Esse mito é muito prejudicial à educação porque ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse de fato a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentes de sua idade, da sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização, etc. (BAGNO, 2006).

As considerações acima têm como objetivo demonstrar que, ao contrário do que muita gente diz, as línguas, quando se transformam com o passar do tempo, não se degeneram, não se tornam imperfeitas, estragadas, mas adquirem novos valores sociolingüísticos, ligados às novas perspectivas da sociedade, que também muda. Nessas transformações, não aparece o "certo" e o "errado" lingüístico, mas o diferente. Certo e errado são conceitos pouco honestos que a sociedade usa para marcar os indivíduos e classes sociais pela maneira de falar e para rotulá-los. Essa atitude da sociedade revela seus preconceitos, pois marca as diferenças lingüísticas com marca de prestígio ou estigma.

Ainda sob o tema das variações lingüísticas no Brasil, não podemos deixar de falar sobre os regionalismos. Falamos o mesmo idioma, mas encontramos em cada canto do país um jeito singular e característico de se falar o português. São os regionalismos, que dão um sabor especial a nossa língua e servem como marca registrada de cada cultura local, refletindo as influências históricas, étnicas e culturais que moldaram as variadas populações que habitam o Brasil.

Um exemplo de regionalismo é o que se nota na fala do interior paulista: o "r" retroflexo, estigmatizadamente chamado de "r" caipira. A famosa "porrrta aberrrta". Além disso, um outro fenômeno lingüístico do interior de São Paulo é a redução do gerúndio. Por exemplo, "cantano" em vez de cantando. Isso difere bastante do dialeto falado na capital. O paulistano dá mais uma acentuada na terminação do gerúndio, "cantaaando".

Neste subcapítulo fica evidenciado que existe uma variação muito grande na linguagem e que esta variedade lingüística é fruto da evolução do idioma dentro de um determinado espaço físico. Não podemos, contudo, deixar de lado a diferença que existe dentro das varias classes sociais, bem como o modo como essas pessoas se comunicam quando expostas a diferentes situações quotidianas.

2 A NOVA LINGUAGEM UTILIZADA NA INTERNET

A rapidez no avanço da globalização marcou o final de século vinte, derrubando fronteiras, nos vários campos do universo de conhecimento cultural, social e histórico. A chamada globalização tem sido elemento de amplos estudos e discussões, enfatizando múltiplos fatores e manifestando várias tendências, como a divulgação rápida de informações, tanto na área social quanto na técnica.

Nesta perspectiva, afirma Soares que,

O maior instrumento da globalização cultural na sociedade tem sido certamente o conjunto das redes de comunicação de massa. A abrangência, extensão e eficácia dessas redes estão na raiz das maiores transformações na virada do século. (SOARES, 1997)

Entre os principais sinais da globalização está a velocidade com que evolui a tecnologia. Tendo surgido ao final da década de 80, e ainda hoje com um grau mais elevado, a informática, responsável pelo avanço da tecnologia, tem colaborado para a melhoria da qualidade dos serviços, em todas as áreas de conhecimento, além da rapidez e precisão de dados com que tais serviços são executados.

A rede mundial de computadores, plugados mundialmente, permite ao usuário o acesso a informações do mundo todo. Desse modo, ele troca, armazena e obtém informações globalizadas. Hoje, um adolescente do interior da Bahia é capaz de comprar CDs de músicas em um site do sul dos Estados Unidos, assim como um engenheiro, recém-formado na Bélgica, pode encontrar um bom emprego em qualquer outro país europeu, conforme disponibilidade do sistema virtual de informações.

Neste sentido, o desenvolvimento e a utilização da Internet acabaram produzindo, entre seus usuários, uma linguagem própria, repleta de termos típicos,

ou seja, todo usuário, de uma maneira ou de outra, acaba compreendendo o conjunto da rede e os termos que determinam seu conteúdo e funcionamento. As expressões, no campo da lexicologia e da terminologia, ultrapassam o contexto cibernético e representam um fator concreto da globalização.

O aparecimento de uma linguagem universal, no seu sentido amplo, é um dos aspectos mais importantes da globalização.

Já é fato que o meio de comunicação criado na Internet, chamado por muitos de “Internetês”, é muito rápido e tem agilidade e que, portanto, exige uma linguagem que condiz com tais aspectos, que seja também direta e objetiva. Consequentemente, os usuários desse novo meio de comunicação virtual utilizam-se de uma maneira informal de se expressar, que não possui um padrão definido, ao contrário do português formal.

O uso de sinais gráficos, formando “carinhas de expressão”, muitas abreviaturas criadas, troca de letras e palavras, gírias e sons onomatopéicos são algumas das principais características do Internetês.

Considerando este contexto nos questionamos sobre até que ponto utilizar este tipo de comunicação não influencia na forma das pessoas se expressarem em outras situações de seu dia-a-dia, como o falar e o escrever bem.

Os usuários da nova linguagem aqui tratada de Internetês são conhecidos como internautas e podem ser de diversas idades e os mais diferentes perfis, apesar da maioria ser jovem ou adolescente e portanto, esta forma de se comunicar condiz com o grupo e o meio em que estão inseridos socialmente. Da mesma forma, o jovem participa de situações totalmente informais do dia-a-dia ou bate papos em que o uso da gramática formal seria algo desarmônico.

Portanto, nesse aspecto está também inserida a necessidade do adolescente e do jovem manter-se incluso em sua “tribo”, ou seja, dentro dos grupos de amigos e comunidades sociais em que são inclusos.

A seguir veremos a opinião de Hélio Consolaro em seu artigo publicado na internet:

Os avessos a mudanças dizem que a internet está impedindo o jovem de ler e escrever. Só pode dizer isso quem não conhece o novo meio.

Ao contrário, a Internet estimula as pessoas a se comunicarem através da escrita, faz com que surja uma linguagem digital e levanta questões sobre a língua portuguesa. E-mails substituíram as cartas; mensagens instantâneas pelo ICQ ou MSN são os bilhetes modernos. [...] (CONSOLARO, 2008)

No mesmo artigo Consolaro ainda destaca:

[...]Teclar com meus alunos; eles usam o internetês e eu o português por extenso. Nunca vi em provas e redações as tradicionais abreviaturas usadas nas mensagens instantâneas. Mal comparando, pois não tiveram alcance tão massivo como a internet, o código Morse e a taquigrafia não prejudicaram o português.[...] (CONSOLARO, 2008)

Veremos mais adiante outros aspectos referentes à utilização do Internetês e sua influência na educação.

2.1 Como se escreve na Internet e os gêneros textuais existentes

O acesso à Internet atualmente, como temos visto, faz parte do cotidiano das pessoas a cada dia mais freqüência.

Diariamente, ao menos uma vez, os usuários acessam a rede para olhar os *scraps* (nome dado à mensagem deixada no site de relacionamento pessoal Orkut). É fato que o *scrap* tornou-se a mais moderna forma de se comunicar, sem desconsiderarmos os outros tipos de comunicação digital existentes, como o MSN

Messenger (o mais popular dos programas de mensagens instantâneas), o e-mail (pioneiro nessa forma de comunicação virtual), os blogs e até os flogs.

Embora a Internet apresente multifuncionalidades, a maioria das pessoas utilizam apenas o seu recurso mais popular que é a comunicação e dentro deste veículo podemos apontar como principal o *scrap*, que se tornou mundialmente difundido por intermédio do Orkut.

Não há surpresa alguma no *scrap*, ele nada mais é do que um bilhete atual ao percebemos nele as mesmas características, ou seja, uma mensagem curta marcada pela informalidade.

No tocante a esse processo de desenvolvimento estudaremos o que são os gêneros textuais, suas evoluções e adaptações.

Sob o aspecto da teoria dos gêneros, é muito oportuno mencionar alguns conceitos para entendermos como a linguagem usada no contexto digital difere da convencional, praticada por tantos séculos. Como define Vera Lúcia Paiva:

gêneros textuais são como sistemas discursivos complexos, socialmente construídos pela linguagem, com padrões de organização facilmente identificáveis, dentro de um continuum de oralidade e escrita, e configurados pelo contexto sócio-histórico que engendra as atividades comunicativas. (PAIVA, 2004, p.67)

Nessa mesma perspectiva, vejamos estudo desenvolvido por Luiz Antônio Marcuschi pesquisador e professor da Universidade Federal de Pernambuco:

a. Tipo textual designa uma espécie de seqüência retórica subjacente definida pela natureza lingüística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como seqüências lingüísticas (seqüenciação de enunciados, um modo retórico) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto dizemos que esse é um texto argumentativo ou narrativo ou

expositivo ou descritivo ou injuntivo. Os tipos textuais constituem seqüências estruturais subjacentes na composição de um gênero.

b. Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos concretizados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sócio-comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.[...] (MARCUSCHI, 2004, p.4-5)

E continua:

[...] O tema em si – gêneros textuais - não é novo e vem sendo tratado desde os anos 60 quando surgiu a Lingüística de Texto e a Análise Conversacional, mas o enfoque dado aqui com atenção particular aos gêneros textuais no domínio da mídia virtual é mais recente e carece ainda de trabalhos, embora já apareçam estudos específicos sobre esse novo modo discursivo também denominado “discurso eletrônico”. Entre os gêneros mais conhecidos e que vêm sendo estudados podemos situar pelo menos estes (com designações tentativas):

1. e-mail - correio eletrônico com formas de produção típicas e já padronizadas. Inicialmente um serviço (electronic mail), resultou num gênero (surgiu em 1972/3 nos EUA e esta hoje entre os mais praticados na escrita).
2. chat em aberto (bate-papo virtual em aberto - room-chat) - inúmeras pessoas interagindo simultaneamente em relação síncrona e no mesmo ambiente. Surgiu como IRC na Finlândia em 1988.
3. chat reservado (bate-papo virtual reservado) - variante dos room-chats do tipo (2) mas com as falas pessoais acessíveis apenas aos dois interlocutores mutuamente selecionados, embora possam continuar vendo todos os demais em aberto.
4. chat agendado (bate-papo agendado - ICQ) - variante de (3), mas com a característica de ter sido agendado e oferecer a possibilidade demais recursos tecnológicos na recepção e envio de arquivos.

5. chat privado (bate-papo virtual em salas privadas) - são os bate-papos em sala privada com apenas os dois parceiros de diálogo presentes; uma espécie de variação dos bate-papos de tipo (2).
6. entrevista com convidado - forma de diálogo com perguntas e respostas num esquema diferente dos dois anteriores.
7. e-mail educacional (aula virtual) - interações com número limitado de alunos tanto no formato de e-mail ou de arquivos hipertextuais com tema definido em contatos geralmente assíncronos.
8. aula chat (chat educacional) - interações síncronas no estilo dos chats com finalidade educacional, geralmente para tirar dúvidas, dar atendimento pessoal ou em grupo e com temas prévios.
9. vídeo-conferência interativa - realizada por computador e similar a uma interação face a face; uso da voz pela rede de telefonia ou a cabo.
10. lista de discussão (mailing list)- grupo de pessoas com interesses específicos, que se comunicam em geral de forma assíncrona, mediada por um responsável que organiza as mensagens e eventualmente faz triagens.
11. endereço eletrônico (o endereço eletrônico, seja o pessoal para e-mail ou para a home-page, tem hoje características típicas e é um gênero).
12. weblog (blogs; diários virtuais) – são os diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos.

Entre os mais praticados estão os e-mails, os chats em todas as modalidades, listas de discussão e weblogs (diários). Hoje começam a se popularizar também as aulas chat e por e-mail no ensino à distância. Em todos esses gêneros a comunicação se dá pela linguagem escrita. Como veremos, esta escrita tende a uma certa informalidade, menor monitoração e cobrança pela fluidez do meio e pela rapidez do tempo. (MARCUSCHI, 2004, p. 27)

Com base nos estudos apresentados chegamos a uma outra reflexão em relação ao *scrap*, o qual manteve as mesmas características do bilhete, ou seja deixar uma pequena mensagem para alguém.

Nas conversas de internet e nas mensagens do Orkut, observa-se, já há algum tempo, o surgimento do Internetês, que nada mais é que uma forma

específica de se comunicar, cuja característica principal é a simplificação de palavras. No Internetês as palavras são abreviadas até se transformarem em uma única expressão, com duas ou no máximo três letras. Vejamos alguns exemplos:

não = naum também = tb

sim = s demais = d++

de = d cadê = kd

tc = teclar porque = pq

aqui = aki acho = axo

qualquer = qq cada = kda

Por outro lado, há também formas acrescidas de palavras que mostram uma capacidade de criação dos internautas e uma necessidade de manipular a língua portuguesa a fim de dar características próprias ao que se fala na internet. Tais palavras são, por exemplo: "naum", "amow", "tah", "jah", "eh" etc.

As risadas representam as onomatopéias de risadas normais, e algumas bastante anormais. São elas "hehehe", "rsrsrsrsrs", "kkkkkk" e, algumas novas "auhuhauhauha", "ahuhusahuhauhs", "heaoueahaoeuh" etc.

Vê-se também formas exageradas de se expressar o que se quer dizer, como por exemplo: "amoowwww", "bejãooooOoOoOoO", ou frases que requerem uma maior análise para que se entenda o significado, como: "MAR É DOJXA VISSE?" cujo significado seria: "mas é doida, viu?". Aqui no Brasil, para alguns, esse tipo específico de linguagem é chamada de miguxês e inclusive, em 2007 foi lançado um conversor lingüístico Miguxeitor (aurelio.net/web/miguxeitor.html), criado pelo programador Aurélio Marinho Jargas, 29, e já é sucesso na internet nacional.

O site transforma frases escritas em português para o miguxês, linguagem própria usada por adolescentes.

O termo miguxês deriva da distorção de miguxa, por sua vez distorção de amiguxa, por sua vez distorção do original amiga.

Vejamos no quadro abaixo alguns exemplos do “dialeto” Miguxês em 3 versões:

Quadro 1 – MIGUXÊS/INTERNETÊS

Português	Miguxês Arcaico - Dialeto ICQ	Miguxês Moderno - Dialeto MSN	Neo-Miguxês Moderno - Dialeto Orkut, Fotolog
ABREVIACÕES duas vezes e meio mais ou menos por que quando quanto muito para que você vocês hoje está cadê comigo internet e-mail teclar qualquer mesmo com quem beijos beleza firmeza valeu falou tchau até mais demais quarta-feira sétimo dezoito duas horas 24 horas quinze minutos dinheiro novidade	2x e 1/2 +- pq qdo qto mto pra q vc vcs hj tah cade comigo net mail tc qualquer mesmo c/ quem bjs blz fmz valeu falou tchau t+ d+ 4a 7o 18 2h 24h 15min \$\$\$ novidade	2x i 1/2 +- pq qdu qtu mtu p ke vc 6 hj tah kd kmg net meu tc qq msm kom qm bjs blz fmz vlw flw xau t+ d+ 4a 7o 18 2h 24h 15min \$\$\$ 9dad	2xXx I 1/2 +- pQ qdu QtU Mtu pRAH kI VuxXxE VUxXxeixXx Hj tah kD KmG net MEiU tc Qq MSm kuM Qm bjxXx bLZ FMz vLW FIW xXxau t+ D+ 4aH SETiMU 18 2h 24H 15mIN \$\$\$ novidadI
PAQUERA MODERNA - Você tem ICQ? - Não, isso é coisa do passado. - Então vou te adicionar no MSN! - Tudo bem. - Daí você me passa o teu Orkut? - O endereço está no meu blog. - Tem muitas fotos no álbum? - Deve ter umas nove mais ou menos. - Beleza, depois teclamos, tchau! - Falou, até mais.	- vc tem icq?? - nao, isso eh coisa do passado. - entao vou te adicionar no msn!! - tudo bem. - daih vc me passa o teu orkut?? - o endereco tah no meu blog. - tem mtas fotos no album?? - deve ter umas 9 +-. - blz, depois tc, tchau!! - falou, t+.	- vc tem icq???!? - naum...issu eh koiza du passadu..... - entaum vo t addeah nu msn!!!! - tudu bem..... - daih vc me passa u teu orkut???!? - u enderessu tah nu meu blog..... - tem mtas foteenhas nu album???!? - devi te umas 9 +-..... - blz...dpois tc...xau!!!! - flw...t+.....	- VUxXxe Tem iCq???!? - NAUm...iXXU eH KOizaH DU PaXXadU..... - ENtAUm VoW TI aDd nu Msn!!!! - TUdU bEm..... - Daih VuxXxe mE paXXah u TeU OrKUT???!? - u enDereXXU tah Nu meU BLoG..... - TEem mtaxXx fOtEENHAXXx NU AlbuM???!? - deVI Te umaxXx 9 +-..... - BIZ...dPolxXx Tc...xXxau!!!! - flw...t+.....

Fonte: página da internet <http://aurelio.net/web/miguxeitor.html>

Esta prática de abreviações se deve, por certo, ao fato de a comunicação intermediada por computador ser prevalentemente escrita ao invés de oral. Sobre esta prática, Marcuschi assim se manifesta:

Aparecem muitas abreviaturas, mas boa parte delas é artificial, localmente decidida e não vinga. Essas abreviaturas são passageiras e servem apenas para aquele momento. Mas outras se firmam e vão formando um cânone mínimo que vai sendo reconhecido como próprio do meio (MARCUSCHI, 2004, p. 63).

As gramáticas tradicionais pouco se dedicam sobre a questão da abreviação dentro do universo da formação das palavras. Existe a preocupação de destacar a necessidade de se abreviar certas palavras, empregando uma parte da palavra pelo todo, para uma comunicação mais rápida, sem prejuízo do ato comunicacional.

Ressalta que “[...] a passagem para a constituição de uma nova palavra, no caso da abreviação, ocorre quando há uma variação no sentido ou quando adquire um novo matiz em relação ao vocábulo integral.” (BECHARA, 1986, p.185) Não obstante, para o referido autor o emprego da abreviação ocorre não somente num nível coloquial, mas também na linguagem mais apurada, citando como exemplo para recurso expressivo o caso de *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

Cunha (1994, p. 131) relata que os compostos greco-latinos cuja criação foram recentes, como no caso de *quilograma*, *motocicleta* e *auto-ônibus*, apresentam suas respectivas formas abreviadas *quilo*, *moto* e *ônibus* adquirindo o sentido da palavra da qual procede. O mesmo autor destaca o processo de criação de vocábulos para a redução de longos títulos a *siglas*, como no caso de instituições e organizações de natureza variada. Uma vez criadas e utilizadas tais siglas de modo corrente, passa a ser percebida como uma palavra primitiva, sendo capaz de formar derivados, como no caso de PT, *petista* etc.

Rocha (1999, 176-184), que segue a linha de estudos de Morfologia Gerativa em seu livro *Estruturas Morfológicas do Português*, é o que mais questiona a respeito do processo de abreviar palavras. Destaca a sigla como “passível de

geração de novos itens lexicais”, tal como *celetista*, de CLT, havendo também a possibilidade de flexão de número, utilizando o apóstrofo para escrita e -s, tal como no exemplo OTN's. Também ressalta a autonomia do uso na língua, citando como exemplo *CEP*, *CPF*, sendo muitas vezes desconhecidos por parte dos falantes a origem das palavras sigladas. Tal autor destaca também a natureza polissêmica, percebendo sigla como palavra, como no exemplo:

Vou instalar uma CPI nesta casa para saber quem roubou meu chocolate.

A Internet veio inaugurar uma forma significativa de comunicação e de uso da linguagem através do surgimento dos gêneros virtuais, marcados pela fugacidade e volatilidade do texto, como no caso das salas de bate-papo, onde as conversas entre duas ou mais pessoas acontecem em tempo real, de maneira síncrona, tornando então o texto fugaz; pela interatividade, já que permitem a interação entre o leitor e o texto (como no caso dos *weblogs*, onde os leitores podem opinar, mandar recados ou discordar do que foi escrito, interferindo, assim, no texto virtual); pelo anonimato, em alguns casos, como os das salas de bate-papo abertas, onde as pessoas se escondem atrás de um *nickname* (apelido), criando uma nova ou novas identidades virtuais; dentre outras.

Com base nesse contexto podemos observar que a internet possibilitou a criação de um novo espaço para a escrita, dando liberdade à ampliação da idéia de texto, que no espaço virtual carrega marcas da oralidade e representa um composto de diversos elementos, tanto da modalidade oral como da escrita. Assim, o texto passa a ser dinâmico e interativo, sendo escrito por todos ao mesmo tempo.

2.2 Emoticons

São parte também do universo do Internetês os emoticons.

Os emoticons são pequenas imagens para expressar um estado emocional. Este recurso é utilizado para enviar mensagens escritas para ajudar o leitor a entender qual é o seu estado emocional quando enviou uma determinada mensagem. Exemplificando:

Puxa! Isso é muito bom :-)

Que ótimo!!!! :-))))))

O símbolo :-) significa que a pessoa que está falando está feliz. Mas quando o internauta quer transmitir um sentimento de felicidade mais intenso, aumenta o número de fechamentos de parênteses, alguns exemplos comuns são : :) , :(, :P , 8-), XD , :| , ¬¬ , #-D etc.

Representamos abaixo alguns dos emoticons mais utilizados na internet:

QUADRO 2 - EMOTICONS

X-) Com vergonha ou tímido :-) Estou feliz B-) Estou feliz e de óculos :-(Triste ou com raiva :-))) Estou gargalhando <:-) Você fez perguntas bobas (:~... Mensagem de partir o coração :-/ Estou perplexa :-0 Estou impressionada :-P Dando língua (:-(Estou muito triste :-x Mandando beijo :-D Rindo l-(de madrugada :~(Chorando :-o Oh,não!! []'s (abraços) :-ll zangado (:-) careca :-) feliz :-(triste B-) Batman	:-') resfriado (1) :*) resfriado (2) :-l hmmmph! :-C queixo caído :-# beijo (1) :-* beijo (2) :+) nariz grande :-D gargalhando :-} olhando maliciosamente para alguém (-: canhoto :-9 lambendo os lábios :-l macaco :-{ bigode (-) precisando de um corte de cabelo :^) nariz deslocado =:-) punk :-" lábios franzidos l-] Robocop O :-) santo :-@ gritando :-O chocado :-V berro
---	---

<p>:-> barbudo %+(espancado ?-) olho roxo R-) óculos quebrados :^) nariz quebrado l:-) sombrancelhas espessas < -) chinês :-t mal-humorado X-) estrábico :')(chorando i-) detetive :-e desapontado :-)' babando <:-) pergunta estúpida >:-) sorriso malicioso, maldoso :'''-(inundação de lágrimas /:-) francês ::-) usuário de óculos _m (o_o) m_ Espiando por cima do muro :-} + :-) = (_> Vamos tomar um chopinho</p>	<p>l-) dormindo :-i fumante (1) :-Q fumante (2) :-6 gosto azedo da boca :-V falando *-) drogado :-T lábios selados :-p língua na bochecha, brincadeira :-/ indeciso :- < vampiro :-)) muito feliz :-((muito triste :-c muito infeliz d:-) usando boné [:-) usando headfones :-(#) usando aparelho dentário ;-) piscando :-7 sorriso irônico I-O bocejando @}—enviando uma rosa para alguém _.,,^._.^.,,_ Espiando por cima do muro</p>
--	--

Fonte: MÍGLIO, Monica. Conversando em internetês. *Internet.br*, Rio de Janeiro, p. 32-35, 1998.

2.3 Educação X Linguagem utilizada na Internet

Partindo do princípio de que a língua sofre mutações diariamente, conforme as teorias lingüísticas existentes, tais como a de Luft que nos diz que a “língua deve ser vista, analisada e ensinada como entidade viva.” (LUFT, 1997, p. 97), entendemos que a língua a todo momento está se modificando. A língua falada sofre essas alterações dia-a-dia e é mais perceptível, pois não há regras no que chamamos de português não-padrão, que é a linguagem que utilizamos diariamente.

Mas ao contrário da linguagem falada, a escrita ainda se preocupa com as normas, por sua evolução ser menor que a oral. Claro que a linguagem da Internet vem derrubando isso aos poucos, criando neologismos e provocando uma verdadeira mutação lingüística. Mas ainda deve-se atentar às maneiras de como escrever o texto. Existe na Internet a liberdade para simplificar as palavras e até criar outras novas, porque esse tipo específico de linguagem reproduz a linguagem oral, o português não-padrão.

Portanto, deve-se usufruir do Internetês, separando-o dos lugares onde a norma culta ainda é necessária. Os jovens devem saber transitar por essa linguagem específica tão bem quanto por outras. Pois, caso esse jovem ou adolescente tenha ambições para o seu futuro, para sua carreira ou seus estudos, ele adquirirá a consciência que deverá estar apto para com as exigências do mundo de hoje que, cada vez mais, necessita de pessoas altamente comunicáveis e que saibam lidar e falar a linguagem entendida pelos mais diferentes tipos de público.

Um bom usuário da língua portuguesa é capaz de diferenciar cada gênero textual e utilizá-lo cada um em seu lugar.

A forma de escrita dos internautas tem preocupado educadores e estudiosos da língua, no sentido de que a escrita estaria sendo deturpada pelos integrantes de comunidades virtuais e a língua estaria sob ameaça como consequência de tal prática.

Nesse sentido destacamos a importância do papel dos pais e dos educadores desses jovens no sentido de proporcionarem um leque maior de opções para que estes tenham mais contato com a linguagem considerada “correta”, incentivando a leitura de livros, jornais e revistas, a fim de que não se restrinjam apenas à linguagem informal e coloquial, ou ao “Internetês”.

A orientação deve ser de maneira que os jovens compreendam quão essencial é adquirir também a norma culta da língua portuguesa, o português padrão, pois esta é a linguagem dominante em nossa sociedade e que “abrirá portas”, futuramente, para que adentrem no mercado de trabalho.

Segundo o Prof. Sérgio Nogueira, responsável pela coluna “Língua Viva”, do Jornal do Brasil:

"Na Internet o usuário escreve como fala, esta é uma característica própria do meio. Não acredito que essa linguagem vá passar para a vida real, onde existe uma barreira natural das pessoas que não entendem nem falam esse jargão." (NOGUEIRA apud MIGLIO, 1998, p. 33)

Tomando como base este parecer, entendemos que a conversação dependerá do bom senso dos usuários do idioma, já que não é costume ficar atento à norma culta do idioma num "bate-papo" informal.

São diversas as opiniões a respeito das influências exercidas pela tecnologia da Internet na nossa linguagem. Vejamos algumas delas:

O próprio conceito de escrita errada é problemático. A linguagem muda junto com as mudanças sociais. Ninguém mais fala 'vossa mercê', usamos agora 'você'. Aos pais que ficam atordoados com cada 'eh' escrito no lugar do 'é', a orientação é a mesma de antes do advento da Internet: muito incentivo à leitura de bons livros, revistas e jornais. (Andrea Ramal, diretora da Instructional Design, assessoria carioca especializada em educação e tecnologia)

Os adultos ainda estão despreparados para lidar com tudo isso, mas a Internet os deslumbra como faz com os jovens. O ideal é que os pais venham a conhecer aos poucos esse mundo, porque é difícil educar e impor limites em relação a algo desconhecido. (Anne Lise Scappaticci, terapeuta familiar, da Unifesp – Universidade Federal de São Paulo).

Um usuário autônomo da linguagem precisa justamente dominar seus diferentes usos para poder transitar nos diferentes contextos comunicativos. Se você escrever de forma rebuscada nessas salas de bate-papo, não estará fazendo um bom uso da linguagem, já que o meio impõe um ritmo próprio. Da mesma forma, se usar essa linguagem, por exemplo, na produção de um documento, seu uso estará inadequado. Por acaso, aconteceu algo com o português com o uso do telegrama, em que abreviamos as frases? (Maria Ivone Domingues, educadora da Escola da Vila)

É necessário que tenhamos a consciência de que, como diz Lévy:

Quanto mais as linguagens se enriquecem e se estendem, maiores são as possibilidades de simular, imaginar, fazer imaginar um alhures ou uma alteridade. (LÉVY, 1996, p.72):

Uma nova linguagem não causa empobrecimento à língua, muito pelo contrário, surge uma nova opção de comunicação, o "leque" lingüístico cresce ainda mais.

Porém, urge que sejam criados cursos que habilitem os educadores a lidarem com esse tipo de situação. Durante o trabalho, procuramos demonstrar como o recurso da abreviação vem crescendo e se diversificando, o que não nos permite fechar os olhos para a situação. Porém, não podemos orientar pessoas se ainda necessitamos de orientação.

Escrever cartas, por exemplo, é ensinado rotineiramente na escola; e já que existe ampla concordância de como elas devem ser escritas, apoiada por recomendações de manuais, sentimo-nos seguros desse conhecimento. Mas nenhum guia desse tipo existe ainda no caso do *netspeak*. Em breve, as convenções de *netspeak* serão ensinadas normalmente nas escolas. (CRYSTAL, 2005 p.79-80)

Essa citação de David Crystal reforça a necessidade de uma preparação maior dos professores em relação à nova linguagem que vem surgindo. Ele faz uma previsão de que, em breve, da mesma forma que há o ensino de gêneros textuais consagrados, como a carta, haverá também o ensino de como se escrever na web.

Porém, é importante pensarmos o seguinte: se uma das características marcantes do *netspeak*, talvez a que mais fascine os seus usuários é a liberdade de criação, sem qualquer tipo de revisão externa. A normatização dessa linguagem pode acabar descaracterizando-a, e fazendo com que haja uma procura por outra forma expressiva “exclusiva”, anárquica, pois, como Crystal mesmo afirma:

Algumas pessoas estão felizes mandando mensagens sem qualquer revisão e sem se importar com erros de digitação, uso irregular de maiúsculas, falta de pontuação e outras anomalias. Mas esse é um efeito secundário, que raramente interfere no entendimento. É um estilo especial se originando das pressões que incidem sobre os usuários do veículo, além de um desejo natural (especialmente entre os usuários de menos idade – ou mais jovens de espírito) de ser idiossincrático e ousado. (CRYSTAL, 2005, p. 89)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geração *net* está reinventando a forma de escrita e, ao que tudo indica, não há porque lingüistas e educadores terem preocupação quanto a isso. As pesquisas revelam que a escrita cifrada dos internautas não passa de uma certa diversão, de registro social de comunidades virtuais que estabelecem contato no ambiente de blogs ou fotologs, salas de bate-papo, Orkut, etc., e se reúnem em torno de diferentes temas, para discussão online via digitação, utilizando formas de escrita que os identificam, sem que isto possa representar uma real ameaça à língua. No dizer de Othero, "Uma nova forma de escrita característica dos tempos digitais foi criada. Frases curtas e expressivas, palavras abreviadas ou modificadas para que sejam escritas no menor tempo possível – afinal, é preciso ser rápido na Internet." (OTHERO, 2002, p. 23)

Os dados levantados nessa pesquisa permitem concluir que os internautas utilizam registros sociais bem diferenciados quando estão se comunicando por escrito no ambiente digital e quando utilizam a língua em ambiente mais formal, como em sala de aula, ao fazer uma redação, por exemplo. Convém, no entanto, continuar acompanhando a utilização da escrita no ambiente virtual, pois não se pode afirmar com segurança, pelos dados apresentados, que o uso prolongado e contínuo de tal escrita não sofrerá influência mais acentuada na língua com o passar do tempo. As comunidades virtuais têm curta existência, como a própria Internet, cuja utilização mais intensa completa apenas uma década. Estudos adicionais e continuados poderão avaliar melhor o grau de interferência desta modalidade de escrita na língua portuguesa a longo prazo.

REFERÊNCIAS

Livros

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa. Tradição gramatical, mídia e exclusão social.** S Paulo, Ed Loyola, 2000.

_____. **Português ou Brasileiro? (um convite à pesquisa).** São Paulo: Parábola Editorial. 182 p., 2001.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** São Paulo: Nacional, 1986.

_____. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística.** 5. ed. São Paulo: Scipione, 1992.

CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CUNHA, C. F. da ; CINTRA, L. **Gramática da Língua Portuguesa.** São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, C. F. da. **Gramática da Língua Portuguesa.** São Paulo: Fae, 1994.

FERREIRO, E. **Cultura escrita e educação.** Porto Alegre: Art Med.,2000.

KOCH, Ingedore G. V. **A Inter-ação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 1992.

KRISTEVA, J. **História da linguagem.** Lisboa: Edições 70, 1988.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade.** 5. ed. São Paulo: Ática 1997.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MARCUSCHI, L.A. e XAVIER, A.C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MONTANARI, Valdir; STRAZZACAPPA, Cristina. **Globalização: O que é isso afinal?** São Paulo: Moderna, 2003.

ORLANDI, E.P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

OTHERO, G. A. **A língua portuguesa nas salas de bate-papo: uma visão lingüística de nosso idioma na era digital**. Novo Hamburgo:Edição do Autor, 2002.

PAIVA, V.L.M. **E-mail: Um Novo Gênero Textual**. In: Hipertexto e Gêneros Digitais. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. São Paulo: Edusp, 1993.

ROCHA, L. C. A. **Estruturas Morfológicas do Português**. Minas Gerais: UFMG, 1999.

Revista

BAGNO, Marcos. Nada é por acaso: ciência e senso comum na educação em língua materna. **Revista Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, nº 71, set. de 2006.

MÍGLIO, Mônica. Conversando em internetês. **Internet.br**. Rio de Janeiro, p.32-35, novembro 1998.

Internet

CAVALCANTI, E.P., Revolução da Informação: Algumas Reflexões. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/Cad-pesq/arquivos/C01-art06.pdf>> Acesso em 25/01/2008.

CONSOLARO, Hélio. Internet atrapalha a escrita e a leitura? Disponível em: <http://www.gargantadaserpente.com/artigos/helio_consolaro.shtml> Acesso em: 26/05/2008.

COSTA, Maria Cristina Rigoni, OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de, PINILLA, Maria da Aparecida Meirelles de. Modalidades do uso da língua. Rede Escola – Site da Secretaria da Educação do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.sectec.rj.gov.br/redeescola/especialistas/portugues/tema03/portm03.html>> Acesso em 12/12/2007.

FURLANETTO, Maria Marta. O oral e o escrito – três olhares. Disponível em: <http://br.geocities.com/agatha_7031/oral.html> Acesso em: 21/05/2008.

NOGUEIRA, Sérgio. **Coluna Língua Viva do Jornal do Brasil**. [online] Disponível em: <<http://www.jornaldobrasil.com.br>> Acesso em 14/12/2007.

SOARES, D. A Globalização numa perspectiva sociocibernética. In: Revista Contracampo, nº1. Mestrado da UFF, jul/dez/1997. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/cc2.htm>>.

MORAN, José Manuel. Desafios da Internet para o professor. http://www.eca.usp.br/prof/moran/desaf_int.htm> Acesso em 20/08/98.

MORI, Nerli Ribeiro, SILVA, Luana Paula Pereira. A construção da linguagem escrita sob o ponto de vista da psicogênese. Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org/livro/58ra/senior/resumos>>. Acesso em: 27/05/2008.

PONTES, E. O "Continuum" língua oral e língua escrita: por uma nova concepção do ensino. Disponível em: <<http://www.acd.ufrj.br/~pead/tema11/ponto15.html>> Acesso em: 18/02/2008.

SANTOS, Elsa Rodrigues. Língua falada e língua escrita. Disponível em : <http://www.slp.pt/variável/língua_falada.html> Acesso em: 21/05/2008.

YURI, Débora. Especialistas defendem os novos códigos de comunicação utilizados pelos jovens internautas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19/02/2003. Disponível

em <[http://www.idprojetoseducacionais.com.br/materias/especialistas_ defendem_ os_novos.pdf](http://www.idprojetoseducacionais.com.br/materias/especialistas_defendem_os_novos.pdf)> Acesso em: 24/04/2008.

Linguagem cibernética X norma culta. Disponível em:< [http://www.aomestre.com.br /cmp/arquivo/ate2006/83.htm](http://www.aomestre.com.br/cmp/arquivo/ate2006/83.htm) > Acesso em: 24/04/2008.